

SISTEMA FAEP



**Mala Direta
Postal**

9912288584/2011-DR/PR

FAEP

CORREIOS

BOLETIM

INFORMATIVO

A revista do Sistema

Ano XXVIII nº 1259 - 19/05/2014 a 25/05/2014

Tiragem desta edição 24.000 exemplares



A AMEAÇA DAS BANANAS BOLIVARIANAS

ENERGIA

O controverso
gás de xisto

PECUÁRIA

A qualidade
do Wagyu

HISTÓRIA

O ponto extremo
do Brasil

Aos Leitores



Nossos maiores concorrentes no mercado de grãos são os Estados Unidos. Como é a pesquisa, a produção, a comercialização, a infraestrutura e a logística no meio rural americano? Para responder a essas e outras questões, a FAEP, como já ocorreu em anos anteriores, promove a visita de produtores paranaenses e de seus técnicos ao exterior. São quatro grupos, o primeiro deles a desembarcar no centro-oeste americano e em seguida também visitar áreas produtoras do Canadá, já cumpre o circuito técnico previamente estabelecido.

Acompanhando o grupo está a jornalista Cynthia Calderon, coordenadora de Comunicação Social da FAEP, cujo relato está a partir da página 06.

Nesta edição também está a ameaça sobre uma fruta cujo plantio cobre 570 mil hectares do país e movimenta US\$ 10 bilhões do PIB, segundo a FGV. A ameaça contra nossas bananas vem do Equador, país bolivariano que o governo brasileiro também quer agradar, como o faz com Venezuela, Bolívia, Argentina e Cuba. Além de danos ao mercado nacional plenamente abastecido, há sérios problemas fitossanitários. A FAEP foi uma das primeiras entidades a se manifestar oficialmente contra a importação das bananas equatorianas.

Índice

Plantas Biorreatoras	03
Viagem Técnica	06
Xisto	10
Bananas Bolivarianas	12
Opinião	18
Copa do Mundo	20
BiFe de Kobe	22
Ilha de Trindade	24
Car / Gisele Bündchen	26
Dilma veta emplacamento	27
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Fotos: Fernando Santos, Milton Dória, Cynthia Calderon, Divulgação e Arquivo FAEP.

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |

F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Ivo Polo, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Lisiane Rocha Czech **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |

F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon
Editor: Hélio Teixeira | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, Katia Santos e André Amorim | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuel

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

A proposta da FAEP para a produção de sementes estéreis

Federação se posiciona sobre a questão das sementes que contém tecnologia genética de restrição de uso



Em andamento há quase oito anos na Câmara Federal, o Projeto de Lei nº 268/2007 propõe a permissão para a utilização, a comercialização, o registro, o patenteamento e o licenciamento de sementes que contenham tecnologias genéticas de restrição de uso. No último dia 07, o presidente da FAEP, Ágide Meneguette, encaminhou um documento posicionando a entidade favoravelmente à aprovação desse Projeto de Lei. Mas com a ressalva “desde que seja complementado na íntegra pelo Substitutivo do deputado Duarte Nogueira, entendendo que assim estarão resguardados os interesses dos produtores rurais”. O documento com esse posicionamento da FAEP foi encaminhado à Frente Parlamentar da Agropecuária, bancada federal do Paraná, à Comissão de Constituição e Justiça da Câmara Federal, ao ministro da Agricultura, Neri Geller, e aos secretários do

Mapa, Seneri Paludo e Célio Porto.

Nele, o presidente da FAEP solicita “apoio para que nas votações prevaleça esse entendimento”. Foram encaminhados ainda os anexos I e II contendo as considerações sobre o Projeto de Lei e o Substitutivo, com o seguinte teor:

Anexo I - Considerações sobre o PL 268/2007

Trata-se de projeto importante que propõe a permissão de pesquisas e comercialização de sementes que contenham tecnologias genéticas de restrição de uso de variedade (tecnologia que produz sementes estéreis), quando se tratar de sementes de plantas biorreatoras ou de plantas de reprodução vegetativa ou assexuada (sem uso de sementes), como a cana-de-açúcar, laranja e outras.

Por definição do projeto plantas biorreatoras ou “biorreatores são organismos geneticamente modificados para produzirem proteínas ou substâncias destinadas, principalmente, ao uso terapêutico ou industrial”, definição aperfeiçoada posteriormente por substitutivo do deputado Duarte Nogueira, a ser analisado mais a frente.

A aprovação do projeto é defendida por pesquisadores da categoria de Elíbio Rech, Ph.D. em Genética Molecular da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, que faz porém uma ressalva quanto a questões de biossegurança, afirmando que as plantas que agem como biofábricas (biorreatoras) não devem cair na cadeia alimentar, “O ideal é que sejam confinadas numa área restrita”.

No entender da FAEP há outro aspecto que merece ressalva: o projeto não define limite de área de plantio de plantas biorreatoras.

Supondo que futuramente haja modificação genética, por exemplo, em uma variedade de soja com restrição de uso para produzir determinada vitamina importante para a saúde humana. Nesse caso o projeto em análise não deixa claro se será permitido comercializar essa variedade em extensão comercial com destino à alimentação humana. A utilização dessas sementes a campo, sem cuidados especiais pode provocar contaminação de outras plantas com o gene que determina a esterilidade da semente.

As mesmas preocupações demonstrou o deputado Duarte Nogueira, em 16 de abril de 2009, quando relatou o Projeto de Lei n.º 268/2007 na Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural e emitiu voto pela aprovação, desde que fossem consideradas as alterações propostas no Substitutivo que apresentou na ocasião.

Teor do Substitutivo:

1) Dá nova definição para “Plantas Biorreatoras”: plantas geneticamente modificadas para produzir substâncias específicas, exclusivamente para uso terapêutico ou como coadjuvantes de processos industriais, vedada a destinação dos produtos resultantes de sua produção agrícola ou industrial à alimentação humana ou animal em geral.

2) Também determina que compete à CTNBio estabelecer processos específicos de análise e critérios especiais a que se sujeitarão aqueles que implantam áreas de lavouras de plantas biorreatoras, objetivando assegurar a plena contenção biológica. (NR)”

Parecer defendido pela FAEP:

A Federação da Agricultura do Estado do Paraná se posiciona pela aprovação do PL nº 268/2007, desde que seja considerado na íntegra o Substitutivo (anexo II) apresentado pelo Deputado Duarte Nogueira, aprovado na Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural em junho de 2007.

Se o PL 268/2007 for aprovado da forma como propõe o Substitutivo, ficam resguardados os direitos à pesquisa voltados a uma tecnologia que tem muito a contribuir na área de produtos terapêuticos, a proteção do meio ambiente e o direito do produtor rural reservar semente para uso próprio haja vista que:

1) O Substitutivo permite a aplicação de tecnologia que leva à obtenção de sementes estéreis apenas em dois casos: em plantas biorreatoras ou em plantas que se multiplicam vegetativamente como cana-de-açúcar, laranja, etc.

2) A definição de plantas biorreatoras no Substitutivo deixa bem claro que não será permitida a introdução da tecnologia



de sementes estéreis para nenhuma lavoura implantada através de sementes cujo produto seja utilizado para alimentação humana ou animal, portanto os cultivos comerciais estão protegidos.

3) É do entendimento da FAEP que as sementes e plantas biorreadoras devem ser manipuladas por profissionais especializados e em ambientes que garantam a não contaminação de outras plantas silvestres ou comerciais, salvo quando se tratar de plantas que não se reproduzem por sementes.

O Substitutivo do deputado Duarte Nogueira contempla essa expectativa quando coloca no projeto que compete à CTNBio estabelecer processos específicos de análise e critérios especiais a que se sujeitarão aqueles que implantam áreas de lavouras de plantas biorreadoras, objetivando assegurar a plena contenção biológica. (NR)”

Assim a FAEP considera que o PL 268/2007 deve ser aprovado na forma dada pelo substitutivo abaixo:

Anexo II - Substitutivo ao Projeto de Lei nº268, de 2007.

Altera dispositivos da Lei nº 11.105, de 24 de março de 2005, para introduzir disposições relativas às tecnologias genéticas de restrição de uso de variedade, e revoga o artigo 12 da Lei nº 10.814, de 15 de dezembro de 2003.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Os artigos 3º, 6º, 14 e 28 da Lei nº 11.105, de 24 de março de 2005, passam a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 3º

Para os efeitos desta Lei, considera-se:

.....
XII – plantas biorreadoras: plantas geneticamente modificadas para produzir substâncias específicas, exclusivamente para uso terapêutico ou como coadjuvantes de processos industriais, vedada a destinação dos produtos resultantes de sua produção agrícola ou industrial à alimentação humana ou animal em geral;

XIII -tecnologias genéticas de restrição de uso de variedade: mecanismos moleculares induzidos em plantas geneticamente modificadas para a produção de sementes estéreis sob condições específicas. (NR)”

“Art. 6º Fica proibido:

.....
VII – a utilização, a comercialização, o registro, o patenteamento e o licenciamento de sementes que contenham tecnologias genéticas de restrição de uso, salvo:

- Quando as tecnologias de restrição de uso forem introduzidas em plantas biorreadoras ou plantas que possam ser multiplicadas vegetativamente;

- Quando o uso da tecnologia comprovadamente constituir uma medida de biossegurança benéfica à realização da atividade.

Parágrafo único. Para os efeitos desta Lei, entende-se por tecnologias genéticas de restrição do uso qualquer processo de intervenção humana para gerações ou multiplicação de plantas geneticamente modificadas para produzir sementes estéreis. (NR)”

“Art. 14. Compete à CTNBio:

.....
XXIV – estabelecer processos específicos de análise e critérios especiais a que se sujeitarão aqueles que implantam áreas de lavouras de plantas biorreadoras, objetivando assegurar a plena contenção biológica. (NR)”

“Art. 28. Comercializar sementes de plantas que contêm tecnologias genéticas de restrição de uso de variedade, que não sejam de plantas biorreadoras:

Pena –reclusão de 2 (dois) a 5 (cinco) anos, e multa. (NR)”

Art. 2º Ficam revogados o parágrafo único do art. 6º da Lei 11.105, de 2005, e o art. 12 da Lei nº 10.814, de 15 de dezembro de 2003.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala da Comissão, em 16 de abril de 2009.

Deputado DUARTE NOGUEIRA - Relator



O modelo norte-americano

As visitas técnicas do primeiro grupo de produtores e técnicos da FAEP em Illinois



O Estado de Illinois (13 milhões de habitantes), no Centro-Oeste dos Estados Unidos, é um dos maiores centros industriais e financeiros do mundo, e sedia a Bolsa de Chicago, termômetro da comercialização de commodities no mundo. Estima-se que existam 75 mil fazendas no Estado empregam alto uso de tecnologia.

A coordenadora de Comunicação Social da FAEP, jornalista Cynthia Calderon, está acompanhando o primeiro de quatro grupos de produtores e técnicos da FAEP que percorre áreas agropecuárias dos Estados Unidos e Canadá. Seu relato:

O objetivo desta expedição é conhecer de perto a realidade destes países, que estão entre os maiores concorrentes do Brasil no mercado mundial de commodities agrícolas.

As diferenças em relação ao sistema brasileiro de produção saltam aos olhos. Nos Estados Unidos, o produtor rural conta com apoio forte no setor de infraestrutura, além de solo fértil,

alta tecnologia e um sistema de comercialização extremamente organizado. Os implementos e máquinas agrícolas são de ponta e altamente tecnificados para atender uma agricultura de alta produtividade.

As propriedades agrícolas são independentes, com o mínimo de interferência governamental. Na questão ambiental, por exemplo, não há legislação que exija reserva legal ou área de preservação permanente.

As cooperativas visitadas são mais focadas em comercialização e a entidade representante do setor em Dekalb está voltada para a prestação de serviços com foco em seguros de todos os tipos, o que permite alcançar um público fora da área rural.

“A FAEP adotou no seu programa de gestão viagens técnicas periódicas e o resultado tem sido muito bom. O produtor troca informações e leva o que viu aqui para a sua comunidade, tanto na área de produção, novas tecnologias e gerenciamento

da propriedade, Nos EUA, os produtores pagam sem reclamar os impostos, porque sabem onde esse dinheiro será aplicado, diferente da nossa situação no Brasil, que você não sabe para onde vai” (João Luiz Rodrigues Biscaia, Diretor Financeiro da FAEP, que lidera o grupo de técnicos e produtores)

“A diferença principal é a organização e a diversidade das propriedades. O governo não interfere na produção e ajuda com a logística. Paga-se os impostos e tem os seus direitos garantidos. No Brasil não é assim temos que nos preocupar com a legislação federal, estadual e municipal além das ONGs burocratizando o sistema brasileiro”. Vagner Augusto Barausse, tesoureiro do Sindicato Rural de Palmeira.

Veja um resumo das principais informações dos locais visitados:

Dekalb

É uma entidade representativa do agronegócio da região de Dekalb, Estado de Illinois, fundada em 1912. Possui 4,6 mil associados entre produtores e não produtores urbanos, que pagam uma anuidade de US\$ 48. Numa área de um milhão de hectares produzem grãos, suínos e leite.

Em média, as propriedades têm 480 hectares. “São áreas cada vez maiores, onde se cultiva mais com menos produtores”, explica o representante da empresa, Greg Millburg. A média da

produtividade tem sido nos últimos anos acima de 60 buchels (27 sacas) por acre. Setenta e cinco por cento da produção é de milho e 25% soja, e, pela vocação da região, eles não mudam de cultura mesmo quando os preços caem, além de historicamente os preços do milho serem melhores. Metade da produção é comercializada para alimentação de animais

Serviços

A Dekalb é mantida com recursos provenientes de: 10% anualidade dos associados; 10% royalties de seguros; 30% de aluguéis e leasing; 50% Fundo Permanente (venda genética de semente).

Ela também presta uma série de outros serviços para seus associados como bolsa de estudos universitária para os filhos dos membros e viagens técnicas. Como uma entidade que é a voz do produtor, Millburg explica que eles são ouvidos em Washington tendo lobistas que os representam. Um dos segmentos da cooperativa é a Farm Bureau, entidade de defesa dos interesses dos produtores rurais que começou como uma associação voltada à correção de solos. Estendeu-se posteriormente a outros serviços, culminando com a atividade de prestação de serviços, principalmente de seguros em todas as suas formas, com preços abaixo dos praticados pelas seguradoras.

Agricultura na sala de aula é um programa para manter jovens na atividade rural realizado por 150 voluntários que atingem 45 mil alunos desde o jardim da infância até o 4º ano. A cooperativa também se preocupa em educar os consumidores sobre o que faz e porquê faz. Eles produzem uma publicação mensal para consumidores com histórias sobre agricultura.



Programas relevantes em execução

A empresa de produção de sementes de milho que tem a marca Dekalb surgiu na década de 1920 junto com o milho híbrido. A logomarca usada com uma asa na espiga de milho foi inspirada na época pelos produtores da região como fonte de inspiração para alcançarem grandes voos com o surgimento do milho híbrido. Na época os produtores atravessavam crises e necessitavam aumentar a produção.

“Temos a imagem de que os americanos são um povo orgulhoso e soberano, mas a cordialidade deles é exemplar. A cooperativa não foi surpresa, acompanho a evolução do sistema cooperativista na nossa região. O que mais me chamou a atenção foi a união dos cooperados. Eles se doam para a entidade sem fins lucrativos, o objetivo é fortalecer a classe. O sistema de distribuição de insumos para as lavouras, que tem economia por ser a granel, é essencial. É algo que podemos fazer no Brasil.

A produtividade deles é algo que não tem como explicar. Se eles tivessem um clima como o nosso que propicia duas safras, mas não. Eles são potência só com uma. Nós podemos fazer melhor, temos propriedades que conseguem ter a produtividade igual a deles”. **Jair Bert, Sindicato Rural de Medianeira.**

Elburn Cooperativa

É uma cooperativa com 2 mil cooperados e a única representante da Pioneer na região. Está à margem de uma rodovia e se utiliza intensamente esse modal para o transporte da sua produção, com uma ótima malha ferroviária que tem à disposição.

Embora a maior parte das propriedades tenham silos para armazenagem, a produção também é entregue na cooperativa, de acordo com a capacidade de armazenagem de toda a produção. A estrutura da cooperativa permite a recepção de 3 milhões de saca de soja e milho.

Diferente do Brasil, eles não têm problemas de infraestrutura, o que dispensa a preocupação com a armazenagem. Além de armazenar os grãos, possuem tanques com grande capacidade de armazenagem de nitrogênio destinado a fertilização. O gás natural é a energia utilizada na cooperativa.

Dentro da Elburn há uma área especializada na mistura de defensivos a granel. Sua capacidade de armazenagem é de 3,5 milhões de litros de nitrogênio líquido. A cooperativa tem uma frota de caminhões com tanque para transporte de fertilizantes líquidos ou grãos.

Weber Beef

Propriedade que está há quatro gerações na família Weber, numa área superior a quatro mil hectares com produção de soja, milho, feno e pecuária em confinamento. A produção de Angus é própria, complementada quando necessário com compra. Tem gado de todas as regiões dos Estados Unidos.

É uma propriedade constituída de grande área, tecnicada, com excelente topografia, fertilidade do solo e primorosa estrutura de recepção, beneficiamento e armazenagem de grãos. Moderníssimo e amplo parque de máquinas agrícolas e estrutura de confinamento.

Oitenta por cento da comercialização é destinada a um único cliente, os demais 20% são distribuídos para outros quatro clientes.





Urick Farm

Fazenda de 200 hectares que iniciou as atividades em 1836 com o avô que imigrou da Suíça. As principais culturas são milho e soja, mas também produzem trigo, batata e legumes.

O casal Kevin e Karen enfrentam o dilema da sucessão familiar, pois os filhos exercem atividades urbanas e não têm interesse na continuidade das atividades na propriedade. A gestão é terceirizada

River Valley Cooperative

Cooperativa foi fundada em 1995 que possui dois mil associados e 21 entrepostos. A unidade visitada foi uma fábrica de ração para suínos que recebe e processa 160 mil toneladas de soja e milho.

Um dos diferenciais é a prestação de serviços de manipulação e aplicação de defensivos nas propriedades dos cooperados. O valor cobrado é de US\$ 15 por hectare.

A anuidade é de US\$ 200 com resgate de dividendos a cada 10 anos, sendo 65% destinado a fundo de capitalização.

Cinnamont Ridge

É uma propriedade diversificada, com produção de soja, milho, gado Angus e Jersey, suínos e galinhas caipira.

Trata-se do 7º produtor nacional de leite, com produtividade de 36 litros/cabeça/dia usando ordenha robotizada de alta tecnologia. A fazenda tornou-se um ponto turístico, mantém uma loja na entrada

da propriedade onde comercializa seus próprios produtos como queijos, doces e geleias. Utiliza mão de obra familiar. O proprietário John Maxwell é quem gerencia a propriedade.

Centro Agrônômico da Monsanto

É um centro de educação e pesquisa voltado a pesquisa regional de milho e soja numa área de 194 hectares de teste. Durante os cultivos nos centros de pesquisas a mão de obra é de estudantes.

As metas para 2014 são novas linhas de pesquisa no milho e desenvolvimento integrado entre híbridos. Estão desenvolvendo um novo experimento para o milho, com 85 mil plantas por hectare e, no caso da soja, 325 mil plantas por hectare.

Consegue uma produtividade no milho entre 12 a 13 toneladas por hectares, com meta de atingir 15 toneladas para 2015.

Nos Estados Unidos está sendo regulamentado o Roundup Xtend uma solução mais efetiva contra ervas daninhas com previsão de lançamento em 2015.

Também estão em desenvolvimento sementes transgênicas mais resistentes à seca, que absorvem a água de maneira mais eficiente.

“As propriedades são fáceis de gerenciar porque eles vem herdando as terras há mais de 200 anos e conseguiram fazer a propriedade ideal. Chegaram ao objetivo que temos para os nossos netos.

Estão colhendo os frutos de um grande trabalho feito no passado, com a colaboração dos produtores”. **Arceny Bocalon, presidente do Sindicato Rural de São João.**

Oportunidade ou risco?

Exploração do gás de xisto começa a ser regulamentada no Brasil, mas suas consequências econômicas e ambientais ainda precisam melhor avaliadas

Por André Amorim



Operação de extração do gás de Xisto pelo método de fraturamento

A salvação da lavoura, ou uma tragédia anunciada? A exploração do gás de xisto, também conhecido como gás de folhelho ou “shale gas”, começa a ficar mais próxima da realidade brasileira. No último dia 11 de abril deste ano, o Diário Oficial da União publicou a Resolução nº 21 da Agência Nacional do Petróleo (ANP), onde constam os pré-requisitos que devem ser cumpridos por aqueles que desejam explorar este recurso natural em solo brasileiro utilizando a técnica do fraturamento hidráulico (Veja box pág 11).

A medida vem na esteira de outra novidade. Em novembro de 2013, a ANP realizou sua 12ª Rodada de Licitações dos blocos exploratórios, onde está contemplada a possibilidade da exploração do gás de xisto. Na ocasião, os 11 blocos localizados na região Oeste do Paraná foram arrematados pela Petrobras e pela empresa Petra Energia.

De modo geral, as regras estabelecidas pela ANP rezam que os operadores devem obedecer às “Melhores Práticas da Indústria do Petróleo”, de modo a evitar desastres ambientais, que poderiam trazer consequências devastadoras para a agricultura, uma

vez que, dentre os riscos inerentes à operação de fraturamento estão a contaminação dos lençóis freáticos e do solo.

As posições quanto à segurança e rentabilidade econômica da extração do shale gás, que tem no Brasil a décima maior reserva mundial, são bastante divergentes. Apesar de sua exploração ser intensa nos Estados Unidos, no Estado de Nova Iorque existe uma moratória sobre o fraturamento hidráulico até 2015 com objetivo de proteger seus mananciais. O mesmo ocorre em Quebec desde 2011, além da China, Polônia e Alemanha, onde existem leis proibindo fraturamento em regiões de água potável. Na França e na Bulgária o fraturamento é proibido.

Do outro lado, o Reino Unido vem investindo intensamente na exploração deste combustível, que pode significar uma alternativa ao gás russo que abastece a Europa. Os aspectos geopolíticos, aliás, são o grande combustível da sanha exploratória nos EUA. Dos cerca de 1.500 MM m³/dia de gás natural produzido pelo país norte-americano 46% são provenientes de jazidas de xisto. Essa produção mira a tão sonhada independência energética, que levaria os EUA a

depende menos do petróleo e gás do Oriente Médio. Além disso, o gás de xisto é uma fonte mais limpa na comparação com o carvão mineral e com o petróleo no que se refere às emissões de CO². Entre 2005 e 2012 a matriz energética norte-americana reduziu em 12% a emissão dos gases causadores do efeito estufa ao aumentar a produção deste combustível.

Cavalcando os benefícios do shale gás, o Texas, onde estão três das seis principais jazidas de xisto dos EUA, experimentou em 2012 um índice de 4,8% de crescimento, quase o dobro da média norte-americana naquele ano. Só perdeu para a Dakota do Norte, que cresceu impressionantes 13,2%, impulsionada também pelas benesses do gás de xisto.

Na Argentina, chegou-se a afirmar que este insumo poderia ser a grande salvação da sua combalida situação econômica. Dona de uma das maiores reservas mundiais, a terra de Astor Piazzolla amargou um revés quando houve contaminação na província de Neuquén por metano oriundo dos poços de shale gás. As maças produzidas naquela província tiveram sua exportação proibida e hoje o futuro da sua agricultura é incerto. Como forma de conter a degradação ambiental, até o Papa Francisco posicionou-se publicamente contra o fraturamento hidráulico.

Alerta ambiental

As incertezas técnicas e geológicas que envolvem a operação e os grandes riscos inerentes à exploração do gás de xisto têm levado uma série de instituições a se posicionarem contra o fraturamento hidráulico em solo brasileiro. O Grupo de Trabalho Interinstitucional de Atividades de Exploração e Produção de Óleo e Gás (GTPEG), do ministério do Meio Ambiente, argumenta em um parecer técnico que é necessário intensificar o debate na sociedade brasileira sobre os impactos e riscos ambientais desta exploração e “avançar na regulamentação e protocolos para uma exploração segura”.

Também a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) pede que seja sustada a licitação dos blocos para exploração até que os estudos sejam aprofundados. Mesmo a ANP reconhece que o conhecimento geológico das bacias sedimentares terrestres no Brasil ainda é insuficiente.

Dentre os perigos que envolvem a extração do gás de xisto está a contaminação dos lençóis freáticos. Segundo dados do Massachusetts Institute of Technology (MIT), estas ocorrências representam metade dos acidentes ocorridos entre 2005 e 2009. Outro problema é o uso intensivo de água no processo de fraturamento. São cerca de 100 mil barris de água por poço. Para efeito de comparação, utiliza-se um galão de água por milhão de BTU gerados a partir desse gás, contra apenas alguns milhares no caso do etanol de milho.

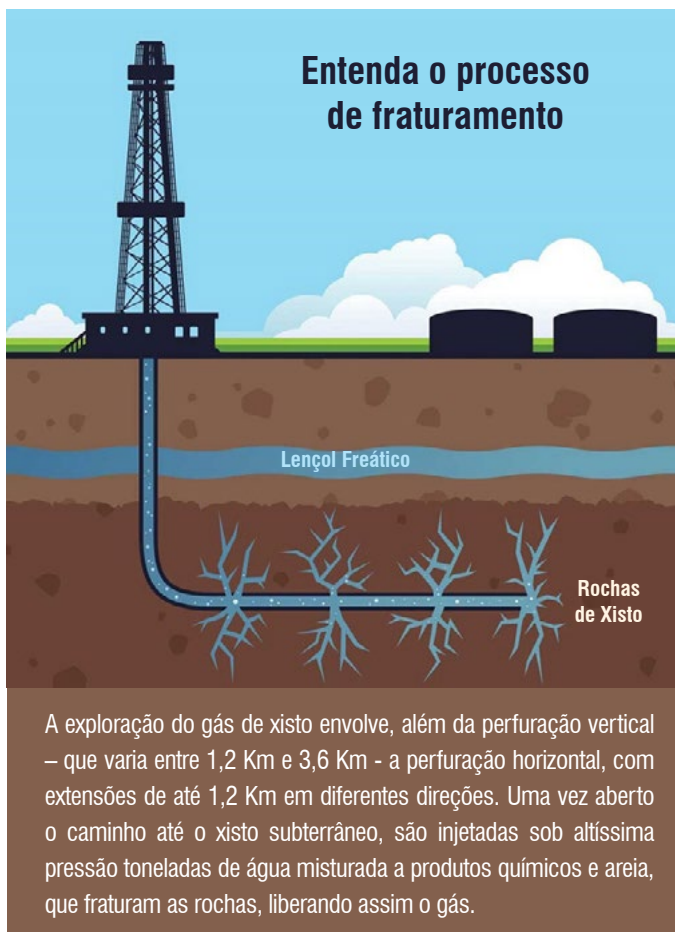
Soma-se a isso a ocorrência de atividade sísmica. Em abril



Protesto contra o fraturamento no Reino Unido

e maio de 2011, ocorreram, na área de Blackpool (Reino Unido), dois abalos sísmicos de, respectivamente, 2,3 graus e 1,5 grau na escala Richter, logo depois de realização de fraturas hidráulicas na região. Relatórios independentes apontaram a existência de falhas geológicas no subsolo, e a atividade de exploração de shale gas foi suspensa nesse local.

Diante das opiniões contraditórias sobre a exploração do gás de xisto, a FAEP defende a necessidade de que sejam avaliados, em bases científicas, os possíveis efeitos principalmente em áreas agrícolas.



A exploração do gás de xisto envolve, além da perfuração vertical – que varia entre 1,2 Km e 3,6 Km - a perfuração horizontal, com extensões de até 1,2 Km em diferentes direções. Uma vez aberto o caminho até o xisto subterrâneo, são injetadas sob altíssima pressão toneladas de água misturada a produtos químicos e areia, que fraturam as rochas, liberando assim o gás.

A ameaça Bolivariana

Equador quer invadir o mercado nacional de bananas

Por Katia Santos | Fotos – Fernando Santos



Não é de hoje que o governo brasileiro se curva a países bolivarianos. São assim chamados porque seguem os preceitos do ex-presidente Hugo Chavez, da Venezuela, país onde se restringe as liberdades, a economia afunda, se raciona até papel higiênico, mas tem o apoio integral de Brasília. Esse comportamento vem de longe.

Em maio de 2006, por exemplo, a Bolívia expropriou refinarias da Petrobras e o ex-presidente Lula ficou quieto. A Argentina, sistematicamente, detona acordos comerciais com o Brasil e o governo contemporiza. A ditadura de Cuba não é bolivariana, mas está no mesmo barco e se fartou com US\$ 800 milhões do governo brasileiro, para construir o Porto de Mariel, como se os nossos terminais fossem uma maravilha e não precisassem de investimentos.

Das benesses na área industrial, chegamos à agricultura. Agora, o bolivariano Equador, maior exportador mundial de bananas, chefiado por Rafael Correa, quer invadir o mercado brasileiro com essa fruta. A brecha para essa possibilidade surgiu em março, durante a troca do Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), quando foi assinada a Instrução Normativa n° 3 (de 20/03/2014), pela Secretaria de Defesa Agropecuária que permite a importação.

Mas a IN tem que ser regulamentada e isso, segundo o ministério, deverá ocorrer até dezembro. Os representantes dos produtores da cadeia da banana estão elaborando uma defesa técnica envolvendo profissionais de órgãos pesquisas de 14

Estados entre eles São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais e Bahia. E há manifestações de associações e produtores pelo país. Logo após a edição da IN, a FAEP pediu sua imediata revogação e alertou o Ministério da Agricultura de que não havia justificativa para tal importação, “já que o Brasil é o segundo produtor mundial de banana e a fruta é distribuída de Norte a Sul do país durante o ano todo, atendendo a demanda total do mercado nacional”. Apontou os problemas fitossanitários na bananicultura equatoriana e considerou “ser inadmissível permitir a entrada de banana tratada com produtos não registrados no Brasil”.

Surgiam sinais em Brasília de que a pressão fazia efeito e o governo federal recuava na tentativa de importar a banana bolivariana. O secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SPA/Mapa), Seneri Paludo, participou, dia 13, de uma reunião no Palácio do Planalto com o ministro da Casa Civil, Aloizio Mercadante, e o secretário executivo adjunto, Gilson Bittencourt, além de deputados, produtores e associações. Segundo Paludo, “o Ministério da Agricultura reforça o posicionamento do governo federal de que enquanto o país não tiver confiança fitossanitária e não tiver um mercado sadio para a importação de banana, não irá liberar a importação da fruta do Equador”. Mas ficam duas perguntas: como ficam os 2 milhões de bananicultores nacionais na hipótese de uma invasão da fruta bolivariana? Quem verificará “in loco” as condições fitossanitárias no Equador?



Wilson Aparecido Sargi - Presidente da APBANA



Dr. Rosinha Deputado Federal (PT-PR)

Manobra política

Inicialmente o Equador solicitou ao Ministério da Agricultura a exportação de bananas para o Estado de São Paulo. A cota inicial era de 800 mil toneladas ano. Após negociações esse volume caiu para 150 mil toneladas ano o que representa 17 carretas por dia. * (Fonte: Apta)

A manobra política para beneficiar os vizinhos bolivarianos fica claro com as declarações do deputado federal paranaense Dr. Rosinha no plenário da Câmara Federal.

No último dia 08/05 ele defendeu em plenário a importação de bananas do Equador afirmando que o volume seria o equivalente ao consumo de menos de uma semana do Ceasa de São Paulo. “Essa cota que eles pedem não vai influenciar em nada o mercado brasileiro. É importante que essa importação se dê, porque nós precisamos da integração produtiva da América do Sul. Essa é uma forma que nosso continente tem de enfrentar soberanamente todas as disputas comerciais e políticas no mundo”.

O depoimento do deputado, na íntegra, está no link: <https://www.youtube.com/watch?v=JhphjjjTwdo>

Bom senso de Dilma

“A importação de banana do Equador representa o fim da atividade agrícola para os produtores. A maioria vai ter que ir embora do sítio e se tornar um empregado na cidade, porque as áreas produtivas são pequenas (média de 3,8 hectares). Tem que haver bom senso da presidente em relação aos produtores de banana, que só querem trabalhar e ter o lucro na própria terra. Fazer

manifestações e mostrar para as pessoas o que pode acontecer com esses produtores pode ser feito. Mas, a atitude de não prejudicar os agricultores tem que partir da presidente. Se ela é presidente, a gente acredita que seja inteligente o bastante para saber que a liberação da importação vai atrapalhar um monte de gente. Todo o serviço é braçal. Em cada propriedade são gerados em média quatro empregos diretos e indiretos, pois colheita, lavagem, classificação e transporte acontecem o ano inteiro. Todo esse pessoal vai ficar sem trabalho se a banana do Equador chegar ao mercado nacional”.

(Do presidente da Associação dos Produtores de Banana de Andirá (Apbana), Wilson Aparecido Sargi, 51 anos).

De acordo com o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Paraná a variedade mais cultivada no Estado é a nanica/caturra seguida da prata. O Estado é o oitavo produtor nacional com 11,3 mil hectares e 268,5 mil toneladas.

O engenheiro-agrônomo, Mestre em Entomologia e técnico da Emater de Andirá, Fernando Teixeira, que coordena o projeto de produção bananas na Região Norte do Estado há 20 anos afirma que o Equador tenta exportar a fruta para o Brasil há nove anos.

A entrada da banana equatoriana no Brasil, segundo Fernando Teixeira terá consequências sociais; econômicas e principalmente fitossanitárias. “Sociais porque a mão de obra da lavoura de banana no Brasil é a familiar o que permite retorno financeiro o ano inteiro para os pequenos agricultores. Econômicas porque, quem controla o mercado no Equador são três empresas multinacionais americanas (veja box), que recebem subsídios do governo desde a compra de insumos até impostos de importação, e por isso conseguem baixar o preço do produto. Como o consumidor ainda escolhe o produto pelo preço, a fruta nacional vai perder espaço. E por último a questão fitossanitária, que é a mais grave”.



Wilson da Silva Moraes - Pesquisador e fitopatologista da APTA

A grande ameaça

A questão fitossanitária citada pelo técnico da Emater é o argumento que instituições, em todo o país, ligadas aos produtores de banana estão usando para elaborar um relatório técnico ao Mapa sobre os riscos com a importação.

“Esperamos que essa defesa técnica mostre ao ministério os riscos relativos à sanidade vegetal e essa situação possa ser revista e cancelada”, a afirmação é do engenheiro-agrônomo, fitopatologista, pesquisador da Agência de Pesquisa em Agronegócios de São Paulo (Apta) e consultor da Confederação Nacional dos Bananicultores (Conaban), Wilson da Silva Moraes.

O maior perigo é trazer para as lavouras brasileiras doenças que não existem aqui. Segundo ele a primeira tentativa de importação do Equador ocorreu em 2005 de forma clandestina através da empresa Delmonte. As bananas clandestinas foram detectadas em Curitiba por bananicultores e pesquisadores da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri). O fato foi comunicado ao Mapa e a Sociedade Brasileira de Fitopatologia. As frutas apreendidas e a comercialização proibida.

Em 2011 houve mais uma tentativa do Equador de entrar no mercado brasileiro. “Eles perderam mercado em função da crise econômica que a afetou Europa e Estados Unidos. Por conta dos preços praticados por eles o Brasil já perdeu para o Equador os mercados de exportação de banana da Argentina, Paraguai e Uruguai. Hoje toda a banana produzida aqui abastece o mercado interno”, diz.

O pesquisador pontua que as diferenças de custos de produção entre os brasileiros e equatorianos são enormes, pois o governo concede vários subsídios às multinacionais. “Eles não apenas plantam a banana com mão de obra barata e, às vezes até infantil, mas recebem subsídios, para compra de insumos e são donos da rede de transporte que escoam a produção incluindo os navios que fazem o comércio exterior. Enfim, eles não ganham só com o plantio como é o caso dos brasileiros”.

Excesso de agrotóxicos e pesquisa “no olho”

Um exemplo citado pelo pesquisador foi a publicação feita no periódico científico Plant Disease vinculado à Sociedade Americana de Fitopatologia, em agosto de 2013, sobre a ocorrência da virose bract mosaic vírus, que recebeu a sigla BBrMV. O vírus foi detectado por pesquisadores equatorianos em quatro províncias/estados. Essa publicação já foi divulgada em outros eventos científicos no Brasil.

Wilson Moraes explica que essa virose pode estar em plantas assintomáticas, ou seja, que não apresentam sintomas o que requer uma pesquisa mais aprofundada. “O problema é que no final de 2013, a visita técnica de técnicos do Mapa para averiguar a presença ou não dessa virose nos bananais do Equador, concluiu que essa doença não existia mais. Nós que somos pesquisadores sabemos que não é visualmente que se averigua isso é necessário

uma pesquisa científica seguindo uma metodologia”, completa.

Outro exemplo de doença citada pelo pesquisador é a sigatoka negra, uma doença causada por um fungo que existe no Equador desde 1987. Aqui no Brasil essa doença existe nos bananais comerciais desde 2004. No Equador, em algumas regiões mais chuvosas, as empresas chegam a fazer 40 aplicações por ano para controlar o fungo, enquanto que, aqui no Brasil as aplicações variam de quatro a, no máximo, 10 por ano dependendo do clima.

“O grande número de aplicações causa a perda de sensibilidade do fungo à molécula presente no fungicida. Isso ocorre por aplicações indevidas e sem controle. E o mais grave é que apenas 2% da produção destinada à exportação no Equador passam por avaliação fitossanitária”, denuncia.

Wilson Moraes argumenta que ao publicar a IN nº 3, os técnicos do Mapa não levaram em conta o relatório técnico de 42 páginas elaborado por ele em 2011/12, que apresenta inconsistências da Avaliação da Análise de Risco de Praga feita pelo órgão. A

Embrapa, também se posicionou contra a importação através de uma Nota Técnica.

“Se o Mapa permitir a importação de bananas do Equador e aparecer doenças exóticas que não existem aqui e que tem lá, o governo Dilma terá que arcar as consequências por esse ato”, alerta Moraes.

Dados da produção de bananas no Brasil

- Área cultivada 520 mil hectares;
- São produzidas anualmente 7 milhões de toneladas;
- Em cada propriedade são gerados quatro empregos diretos e indiretos;
- De acordo com a Fundação Getúlio Vargas a cadeia da banana no Brasil movimentou (são contabilizados produção, transporte, geração de empregos, industrialização, comercialização etc) US\$ 10 bilhões no PIB.



Fernando Teixeira técnico da Emater de Andará

Multinacionais americanas

Chiquita e Fyffes criam maior empresa do setor de bananas. O grupo americano Chiquita Brands e a empresa irlandesa Fyffes anunciaram a criação da maior empresa do setor de bananas do mundo, com receitas anuais de 4,6 bilhões de dólares.

Nesta operação por troca de ações, os acionistas da Chiquita possuirão aproximadamente 50,7% da

nova companhia, batizada de Chiquita-Fyffes, e os da Fyffes os 49,3% restantes, informaram as duas empresas em um comunicado conjunto. A Fyffes comercializa principalmente seus produtos sob a marca Sol.

A operação deve ser finalizada até o fim de 2014. A nova empresa, que se converterá na número UM mundial da banana e em um peso pesado das saladas embaladas, do melão e do abacaxi, estará presente em mais de 70 países, com 32.000 funcionários.



As bananas no Paraná

No Paraná as bananas são cultivadas em 2,7 mil propriedades rurais com área média de 3,8 hectares, configurando uma atividade exclusiva de pequenas propriedades. O extremo Oeste (Ilha do Bananal), Litoral/Vale da Ribeira e na região de Andirá, no norte pioneiro concentram a maior parte da produção.

O presidente da Associação dos Produtores de Banana de Andirá (Apbana), Wilson Aparecido Sargi revela que região é a segunda em produção da fruta no Estado, perdendo apenas para o litoral. São 250 produtores que cultivam banana em três mil hectares distribuídos em oito municípios – Andirá, Itambaracá, Santa Mariana, Leopólis, Rancho Alegre, Sertaneja, Cornélio Procopio e Abatiá.



O que dizem os bananicultores de Andirá

Geraldo e Bruno Cesar Sargi (pai e filho) estão há 20 anos cultivando bananas em Andirá, na propriedade de 12 hectares.

“Ao invés do governo permitir a importação da banana ele deveria incentivar a melhoria da produção, como um preço mínimo e um incentivo para a compra de produtos que ajudam a melhorar a produção nacional. Todo consumidor quer uma fruta boa e de qualidade, mas o produtor precisa ter a sua renda.

Queremos investir mais na produção desde as mudas, mas na época de pico da safra a gente acaba jogando a banana fora por que não conseguimos vender”.

Cidinéia Aparecida Ramos, 44 anos e João Luiz Alves, 51 anos. O casal trabalha com a produção de bananas há 11 anos na propriedade com 4,8 hectares.

“Se a banana do Equador entrar no Brasil vai ser o fim do seu cultivo no país. Eu desconfio que o nosso custo deve ser muito mais alto do que o deles, porque não temos nenhum incentivo. Parece que é uma empresa americana, e americano você sabe quando mete a mão no meio vem com tudo. E nós vamos fazer o quê?”



Geraldo e Bruno César Sargi



Cidinéia e João Luiz Alves



Marco Tetsutaro

Marco Tetsutaro Outuki, 54 anos, engenheiro-agrônomo é considerado um grande produtor com uma área de 21 hectares tem quatro funcionários fixos. Com uma rentabilidade média de 30 mil quilos por hectare, ele afirma que 40% do que recebe com a banana é para pagar o custo dos funcionários.

“Você está em uma atividade não apenas porque gosta, mas primeiro porque ela te dá retorno financeiro. É a banana que garante nossa sobrevivência. O governo deveria estudar direito para não prejudicar os produtores rurais e seus funcionários. Eu acho que o custo da nossa produção agrícola é muito alto, o governo deveria se concentrar nesse ponto e criar uma política agrícola mais eficaz. Hoje eu vejo o produtor rural como um maluco, que pega dinheiro no setor financeiro, enterra na terra e reza para que dê retorno. Após 14 anos cultivando banana me incluo nesse grupo”. **Sidnei Segantini, 60 anos, 8,5 hectares de banana irrigada.**

Entre os 85 produtores do município de Andirá ele é um dos oito que investiu em irrigação no cultivo da banana com orientação técnica da Emater.



Pedro Gonçalves

- “A produtividade dobra 2,5 mil caixas por hectare, pois com o sistema de irrigação consigo distribuir regularmente a água que a planta necessita para produzir. Por ano a bananeira precisa de 1.500 milímetros de chuva. Mesmo quando ela sofre uma geadas a recuperação da planta é mais rápida em 60 dias. Se levar em conta que toda uma região é atingida pelo clima e você tem o produto com 60 dias antes dos outros começarem a colher é uma boa vantagem. A oferta de água promove conforto a planta, que responde com a produção de frutos de mais qualidade e em maior quantidade. Nossa banana perto da equatorial é quase orgânica.

Será que se o consumidor souber das 40 aplicações de defensivos agrícolas que se faz no Equador vai comprar?” **Pedro Gonçalves, 54 anos, há 12 no cultivo da banana em 4,8 hectares.**

- “Se tivermos que parar de produzir a banana teremos que ir para a cidade, para ganhar R\$ 600,00 por mês. Ou seja nossa renda vai cair pela metade, hoje temos liberdade para trabalhar e fazer o que gostamos. Sinceramente não sei e não entendo porque o governo vai querer importar. Para prejudicar nós brasileiros e beneficiar o outro país?”.



Sidnei Segantini

O agronegócio salvador

O Estado de S.Paulo



Com superávit de US\$ 24,14 bilhões de janeiro a abril, o agronegócio continua sendo o principal suporte do comércio exterior brasileiro, abalado por exportações totais em queda e um desempenho muito ruim da maior parte da indústria. Aquele saldo positivo foi obtido apesar do cenário externo ainda adverso e da redução de preços de vários produtos importantes, como soja e grãos, carnes, açúcar e álcool. As exportações do setor renderam US\$ 29,85 bilhões nos primeiros quatro meses, 1,2% menos que um ano antes.

Mesmo assim, essas vendas compensaram boa parte do desastre observado em outros componentes da balança comercial. As vendas de manufaturados, no valor de US\$ 24,659 bilhões, foram 7,6% menores que as de janeiro a abril do ano

passado. As de semimanufaturados, de US\$ 8,769 bilhões, ficaram 9,5% abaixo das contabilizadas no mesmo quadrimestre de 2013. O saldo geral do comércio de bens foi um buraco de US\$ 5,57 bilhões. Teria sido muito pior sem a receita de produtos agropecuários com ou sem processamento.

A Ásia, excluído o Oriente Médio, continuou sendo o principal destino das exportações do agronegócio brasileiro. A região proporcionou 43,3% da receita obtida pelo setor. A China permaneceu como a compradora número um. Absorveu produtos no valor de US\$ 8,1 bilhões, 27,1% do total faturado pelo Brasil. O gasto chinês foi 33,1% maior que o de igual período de um ano antes. Embora com menor crescimento, explicável em boa parte por ajustes internos, a economia chinesa permanece como

o destino mais importante das exportações agrícolas brasileiras e como a principal parceira comercial do Brasil. No primeiro quadrimestre, a China comprou produtos brasileiros no valor de US\$ 14,07 bilhões, 20,3% do total.

A permanência da China como enorme consumidora de matérias-primas, apesar de seu menor crescimento econômico, é uma excelente notícia para o Brasil. Nos últimos anos, a perspectiva de ajuste na economia chinesa motivou alguma preocupação quanto a seus efeitos para a economia brasileira. Pelo menos até agora, as más previsões foram desmentidas. O apetite chinês por produtos agrícolas e outras matérias-primas é hoje especialmente importante para o Brasil, por causa do mau desempenho comercial dos produtores de manufaturados e de boa parte dos fabricantes de semimanufaturados.

Mas há dois aspectos negativos nesse quadro. O primeiro é a continuação da enorme dependência do Brasil em relação à economia da China e de alguns outros mercados da Ásia. Essa dependência é especialmente ruim porque o comércio com esses parceiros é semicolonial, com o Brasil exportando quase exclusivamente produtos primários e importando manufaturados. Em 2013, só 3,39% dos US\$ 46,03 bilhões vendidos à China corresponderam a manufaturados. Incluídos os semimanufaturados, as vendas totais da indústria chegaram a US\$ 7,02 bilhões, 15,25% do total. No mesmo ano, a indústria brasileira vendeu US\$ 17,77 bilhões aos Estados Unidos, incluídos US\$ 13,06 bilhões de manufaturados.

O segundo aspecto negativo é a excessiva dependência do agronegócio. É muito bom dispor de uma agropecuária eficiente e complementada por uma agroindústria de alta qualidade, formando um conjunto com alta produtividade e grande poder de competição. Mas é igualmente indispensável, para uma economia como a brasileira, dispor de uma indústria de transformação capaz de concorrer com produtores estrangeiros tanto fora do País quanto no mercado interno.

Há muitos argumentos a favor deste ponto de vista. Preços industriais são geralmente menos instáveis e o setor manufatureiro ainda é a principal fonte de empregos de alta qualidade, além de ter sido por muito tempo - e poderia voltar a ser - um grande núcleo de inovação e de absorção de tecnologia.

Não se trata de negligenciar o apoio ao desenvolvimento do agronegócio, o setor mais competitivo do Brasil, mas de reequilibrar os padrões de eficiência dos dois grandes segmentos produtores de bens. Os formuladores e condutores da política econômica têm fracassado na execução dessa tarefa.

• Publicado em 13.05.2014



VBP vai gerar R\$ 450,5 bilhões em 104

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento divulgou hoje o novo ajuste do Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP). A estimativa da renda a ser gerada em 2014 pelas principais lavouras e rebanhos, tendo como referência abril, é R\$ 450,5 bilhões, 2,4% superior ao valor de 2013 e 0,96% maior do que o indicador projetado, tendo como referência março deste ano. Do total, a receita proveniente das lavouras representa 66%, e a originária da pecuária, 34%. O VBP das lavouras deve ter aumento de 3,8% em relação a 2013. Os produtos que puxaram a alta da renda foram mamona (estimativa de receita 308% maior na comparação com o ano passado), algodão (69,7%), pimenta-do-reino (28,5%), laranja (27,9%), batata-inglesa (23,8%), cacau (15,1%), café em grão (11,9%) e banana (11,9%). Em outro sentido, houve retração de 44,1% nos cálculos de ganhos com a cebola e de 20% na receita relacionada à soja em grão.

Com relação à pecuária, o VBP deve ter ligeira retração de 0,3%. A estimativa de renda com bovinos e suínos cresceu ante 2013, respectivamente 17,2% e 9,7%. No entanto, houve queda nas projeções relativas aos ovos (25,5%), frango (16,8%) e leite (4,8%).

O VBP é uma estimativa da geração de renda no meio rural, e tem sua previsão atualizada mês a mês pelo Ministério da Agricultura, com base em levantamentos de safra divulgados pela Companhia Nacional de Abastecimento e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Fonte: Agência Brasil

A Copa chegando aos trancos e barrancos



A 30 dias do início da Copa do Mundo, o país concluiu menos da metade daquilo que se comprometeu a fazer para o Mundial. O jornal “Folha de São Paulo” mandou seus repórteres garimparem, listar e checar o andamento de todas as ações que constam da chamada “matriz de responsabilidades”, documento no qual o Brasil informa o que pretende fazer para a Copa.

Os repórteres constataram que de 167 intervenções anunciadas, apenas 68 estão prontas, ou 41%. Outras 88 (53%) ainda estão incompletas ou ficarão para depois da Copa. Onze obras foram abandonadas e não sairão do papel. Convenhamos que o governo brasileiro aceitou sediar a Copa do Mundo/2014 em 2007, portanto não foi por falta de tempo que as coisas não andaram. Animal político, o então presidente Lula imaginou que a Copa embalaria a “pátria de chuteiras” em ano de eleição, empurrando Dilma Rousseff ao segundo mandato. As coisas não estão andando como ele previra e a mídia está repleta de notícias sobre correrias para ao menos maquiar obras atrasadas.

Jerôme Valcke, o todo poderoso secretário geral da Fifa, que

meses atrás afirmou que o Brasil estava precisando de um chute no traseiro, diante dos atrasos, continuou batendo. Ele alertou novamente os turistas que pretendem vir ao Brasil durante a Copa do Mundo de 2014, entre os meses de junho e julho. O francês comparou o país à Alemanha, sede do mundial em 2006: “Não apareça pensando que é a Alemanha, que é fácil se locomover pelo país. Na Alemanha, você pode dormir no seu carro, você não pode fazer isso no Brasil.”

Falou da falta de segurança e da qualidade do transporte. “Você não pode dormir na praia, primeiramente porque é inverno... Certifique-se de organizar sua acomodação. Você não pode simplesmente chegar com uma mochila e começar a andar. Não há trens, você não pode dirigir [de uma cidade-sede para outra]”, disse Valcke, em entrevista à agência de notícias Reuters. “Minha mensagem para os torcedores é: certifique-se que você está organizado para ir ao Brasil”.

Pouco antes, Valcke definiu a relação da entidade com as três esferas administrativas do país (federal, estadual e municipal) como “um inferno” e revelou que o projeto com 12 cidades-sedes

foi uma iniciativa do governo da época. Poderia ter acrescentado que as obras – pelo menos a dos estádios, prometida por Lula é de que seria “com dinheiro privado”. Virou público (o dinheiro). A penúltima previsão dos gastos totais (estádios e outras obras) estava em módicos R\$ 25 bilhões.

Gente fina é outra coisa



Jogador de seleção de futebol, em qualquer parte do mundo, considera-se por cima da carne seca, se acham os reis da cocada preta e nós que aguentemos (e paguemos). O jornal inglês “The Independent” resolveu saber o que as seleções exigiram dos hotéis brasileiros. Se surpreendeu e publicou com o que apurou em cidades brasileiras localizadas em nove Estados, que receberão 32 times. Senão, vejamos:

- A delegação francesa pediu sabonete no formato líquido em todos os banheiros dos quartos do JP Hotel (Ribeirão Preto, SP) – já que “seus jogadores não estão acostumados a usar sabonetes em barra”.
- Os ingleses pediram um restaurante exclusivo para sua delegação, um videogame exclusivo em cada quarto com três televisões e jogos recentes e afirmaram que desejam usar a academia e a piscina por várias horas diariamente.
- A delegação uruguaia pediu sistemas de ar condicionado silenciosos para garantir um “ambiente tranquilo e de paz” a seus jogadores.
- Os argelinos querem um Alcorão (livro religioso sagrado) em cada cama.
- Os equatorianos querem ter acesso a todas as variedades de bananas brasileiras.

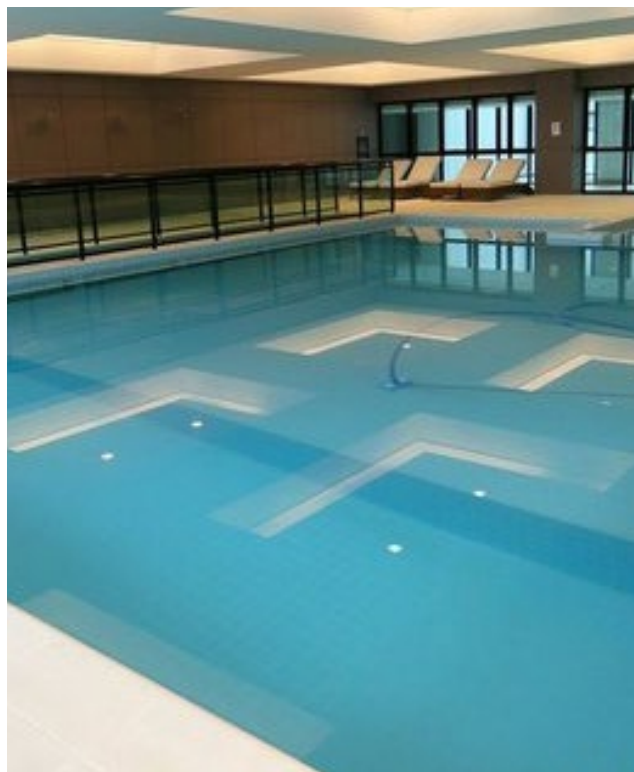
- A delegação da Bósnia pediu a instalação de isolamento acústico em todo o hotel.

O Independent aproveitou para fazer uma crítica à preparação brasileira, afirmando que, se por um lado os hotéis estão prontos para receber os jogadores, os estádios de futebol estão “finalizados pobremmente”.

A gaiola dos “canarinhos”

A partir de 26 de maio, os jogadores brasileiros ficarão concentrados em Teresópolis (RJ), que espera atrair 50000 turistas, segundo a otimista prefeitura local, e 500 jornalistas do mundo inteiro, destacados para fazer a cobertura da equipe anfitriã.

A sede da concentração é a Granja Comary, onde foram gastos 15 milhões de reais numa reforma que reconfigurou o lugar, situado em um condomínio de mansões. Foram recuperados quatro campos de futebol, vestiários e piscinas. As suítes, consideradas anacrônicas para abrigar estrelas acostumadas aos maiores paparicos, tiveram de ser inteiramente refeitas. Antigos quartos compartilhados foram substituídos por 29 recintos individuais, com televisão e acesso à internet. Também estão em construção uma sala de cinema e outra de jogos eletrônicos, além de arquibancadas para jornalistas em torno do campo principal. Nas vias do entorno, ruas de paralelepípedo esburacadas agora exibem asfalto tinindo de novo. Cerca de 8000 orquídeas foram plantadas para embelezar as ruas, e cursos de inglês são oferecidos a taxistas e comerciantes. Enquanto isso...



Extrema qualidade

João Noma, o paranaense que cria animais da raça Wagyu

Por Hemely Cardoso



Você pagaria R\$ 300,00 por um quilo de contrafilé bovino? Antes do susto, estamos tratando de uma carne nobre e uma das mais caras do mundo, o Kobe beef, da raça japonesa Wagyu. O primeiro exemplar do “uá-guiu”, como se diz, chegou por aqui na década de 90 na cidade de Bragança Paulista (SP) e desde então está atraindo os pecuaristas brasileiros. Hoje há 50 criadores em todo o país e o rebanho soma 5.000 cabeças de gado com sangue puro e 30 mil representam os animais cruzados, segundo dados da Associação Brasileira dos Criadores de Bovinos da Raça Wagyu— sediada em Bragança Paulista. Em 2007, quando começaram os abates para restaurantes, eram 36 criadores e 1.000 bois.

Entre os produtores está João Noma, de Maringá, que há três anos cria animais puros Wagyu e é o único em terras paranaenses. Há mais de 10 anos, ele trabalha com a raça Nelore e decidiu investir no boi japonês. Segundo ele, a principal vantagem do Wagyu é a qualidade extrema da carne com marmoreio - gordura entremeadas— além de ser altamente valorizada, é claro. Por enquanto, o pecuarista ainda não colheu os resultados da criação, mas garante

que vale a pena: “Se formos comparar com a arroba de um nelore, por exemplo, o valor da arroba de um Wagyu é quase seis vezes maior”.

Grande rendimento

O médico-veterinário Marco Aurélio Metidieri, técnico Associação Brasileira dos Criadores de Bovinos da Raça Wagyu e criador da raça, explica que a comercialização de carne Wagyu não segue o mercado convencional, baseado no indicador da arroba ESALQ/BM&F. “Não é uma carne para se vender a frigoríficos. O cliente compra direto da empresa produtora. Todos os criadores e associados da raça no Brasil fazem o ciclo completo e venda final da carne, terceirizando o serviço de abate pelo frigorífico”, observa.

De acordo com ele, um animal terminado para abate pesa 750 quilos e tem rendimento de carcaça de 57%. “O rendimento da carne desossada é de uma média de 280 quilos por animal e isso

rende uma média de R\$ 12 mil por cada bovino”, observa. Embora a carne Wagyu não seja comercializada de forma convencional, Marco faz as contas e uma arroba custaria pelo menos R\$ 600,00.

Manejo

Por aqui, os animais selecionados para corte são confinados dos 14 aos 28 ou 30 meses de idade, até alcançarem os 750 quilos. A dieta utilizada é baseada em silagem de milho e concentrado. Aos olhos dos mais exigentes criadores japoneses, pode parecer heresia chamar de kobe beef a carne de Wagyu produzida no Brasil. Os brasileiros não seguem exatamente os mesmos rituais japoneses e o ambiente natural é bem diverso. No Japão os bois recebem uma dieta especial, à base de cevada (cerveja), e massagens diárias para espalhar a gordura.

Para produzir uma boa carne, o Wagyu não pode nem engordar demais e muito menos emagrecer. “O animal vai engordando de forma lenta e ganhar até um 1,2 quilos por dia, de forma que mantenha essa média para que tenha uma carne de qualidade”, informa Metidieiri. Segundo ele, o bovino japonês se adaptou bem ao clima brasileiro tanto que há criadores no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Rondônia e Paraná.



João Noma



A raça Wagyu

A história do Wagyu foi iniciada por volta de 1900 quando o Japão importou animais de raças como Simental, Pardo Suíço e Ayshire para fazer cruzamentos. Após anos de melhoramento genético e da qualidade da carne, em 1944 a raça foi denominada como Wagyu. O bovino foi dividido em dois tipos, Wagyu de pelagem preta (Japanese Black) e de pelagem marrom avermelhada (Japanese Brown). A diferença entre o Wagyu de pelagem preta e o de pelagem marrom avermelhada é no seu cruzamento. O segundo é resultado do cruzamento entre do Japanese Black com a raça Simental. Com a importação da raça Aberdeen Angus, e trabalhos de seleção foi desenvolvido o Wagyu mocho.

No Brasil, a raça chegou há relativamente pouco tempo. Os primeiros animais foram trazidos pelo país pelos diretores brasileiros da multinacional Yakult, em 1992, numa fazenda em Bragança Paulista. Os machos estão aptos para a reprodução a partir dos três anos e as fêmeas podem se reproduzir a partir dos 16 meses. Os animais estão prontos para o abate aos 30 meses, um pouco mais que a média. Um novilho precoce da raça Angus, por exemplo, leva em média 17 meses. Um touro Wagyu custa em torno de R\$ 10 mil e uma vaca para reprodução aproximadamente R\$ 25 mil. Quando o assunto é o preço do Wagyu no Japão, lá o quilo da carne é vendido por US\$ 1 mil (cerca de R\$ 1.300,00).

Marmoreio

Os especialistas japoneses desenvolveram uma escala de classificação do índice de marmoreamento, que vai de 1 a 12. Os bifes com maior teor de gordura entre suas fibras levam a nota máxima, que é 12.

O EXTREMO DO BRASIL



Isoladas a 1.167 quilômetros de Vitória (ES) as ilhas de Trindade e Matim Vaz formam um arquipélago e a última fronteira brasileira no mar. Sem praias que facilitem o desembarque por superfície, em função da existência de um anel de corais, a Marinha brasileira abastece por helicópteros embarcados os 30 militares mantidos na ilha em rodízios de quatro meses. O arquipélago é constituído por duas ilhas principais (Trindade e Martin Vaz), separadas por 48 quilômetros, que somam uma área total de 10,4 km² e é fortemente acidentada, com elevações de até 600 metros. O arquipelago surgiu há três milhões de anos e devido a sua origem vulcânica, a presença de lavas, cinzas e areias vulcânicas pode ser constatada, mas a última erupção ocorreu há 50 mil anos. O Brasil conquistou a soberania sobre este arquipélago, o que garante também a área oceânica num raio de 200 milhas náuticas no entorno do arquipélago, dando direito exclusivo ao país sobre qualquer tipo de exploração econômica seja no mar ou no subsolo marinho.

Para garantir isso, há três anos a Marinha construiu a

Estação Científica da Ilha da Trindade (ECIT), voltada à atividades de pesquisas junto com o já existente posto meteorológico. É uma parceria com a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), cujo Laboratório de Ictiologia (Ictiolab) do Departamento de Oceanografia e Ecologia da Ufes e a Associação Ambiental Voz da Natureza produziram em março passado um documentário sobre a biodiversidade da Cadeia Vitória-Trindade (CVT). Os resultados já alcançados com as pesquisas sobre os peixes recifais realizadas no local estão no link: www.youtube.com/watch?v=0Fopli2ZL0M.

A Estação faz parte do Programa ProTrindade e possibilita que pesquisadores realizem diversas atividades científicas para gerar conhecimento sobre a ilha e sua biodiversidade neste verdadeiro laboratório a céu aberto. Devido ao isolamento da ilha, a biodiversidade insular é bastante peculiar, em 1989 foi criada a Reserva Ecológica Municipal das Ilhas Oceânicas de Trindade e Martin Vaz. Pelo seu valor histórico e paisagístico, em 2011, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) tombou provisoriamente a Ilha de Trindade.

A história

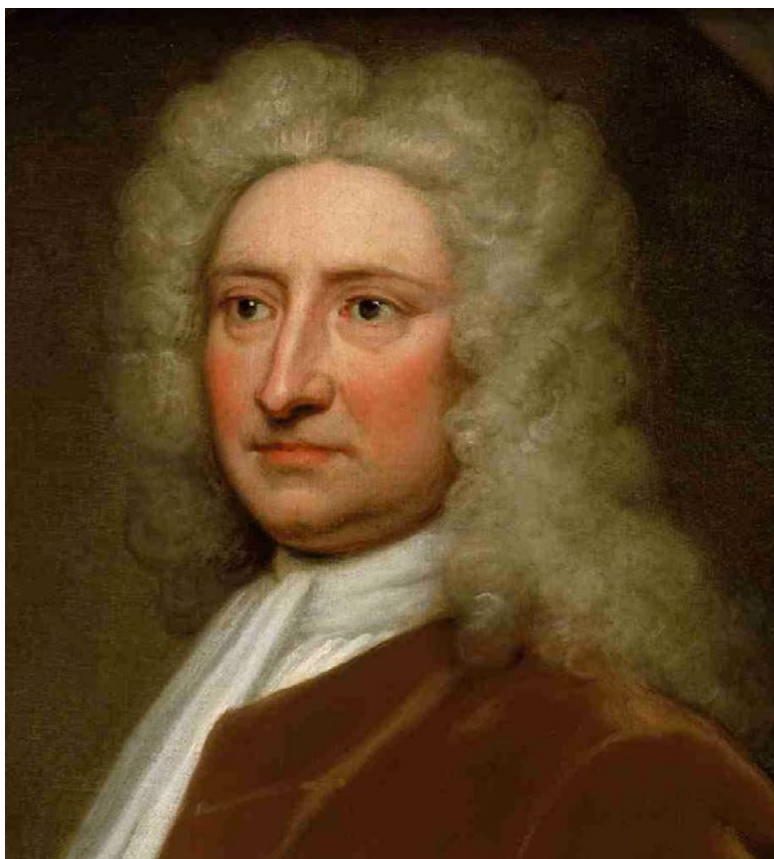
Em 1501, no reinado de **D. Manuel I**, de Portugal, o arquipélago foi descoberto pelo navegador galego João da Nova. No ano seguinte, o navegador português Estêvão da Gama visitou a ilha vizinha e chamou-a Ilha da Trindade. Desde 1700, a ilha foi intermitentemente usada como ponto de apoio marítimo por traficantes escravagistas e piratas ingleses. As ilhas permaneceram na posse de Portugal até a independência do Brasil, altura em que passaram a ser brasileiras.

Devido ao grande interesse pela ilha durante o século XVIII, devido à posição estratégica que ocupam no Atlântico Sul, o Reino Unido ocupou Trindade em 1890. Somente em 1895 através dos esforços diplomáticos brasileiros, aliados ao apoio da diplomacia portuguesa, houve a reintegração da posse da Ilha da Trindade ao Brasil.

Em 1916, foi ocupada pela primeira vez por brasileiros, em função da Primeira Guerra Mundial. Ao término da guerra, foi desguarnecida. Em 1941, durante a Segunda Guerra Mundial, foi novamente guarnecida para impedir que submarinos alemães a utilizassem como base de apoio e para garantir a sua posse efetiva pelo Brasil. Daí em diante a Marinha passou a guarnecer o ponto extremo do Brasil.

Visitantes ilustres

A localização da ilha no meio do oceano Atlântico fez com que vários viajantes ilustres passassem por Trindade. A ilha foi ponto de parada na rota de expedições do astrônomo inglês **Edmond Halley 1656-1742 na foto ao lado**) célebre por ser o descobridor do cometa Halley, em 1696; do botânico alemão Carl Friedrich Philipp von Martius (1794 — 1868) que estudou o Brasil, especialmente a região da Amazônia; do explorador e descobridor da Austrália o capitão James Cook; do capitão James Cook (1728 -1779) explorador, navegador e cartógrafo inglês conseguiu o primeiro contato europeu com a costa leste da Austrália e o Arquipélago do Havaí, e a primeira circunavegação da Nova Zelândia ;e do explorador polar James Ross.





FAEP faz treinamento para o CAR

A FAEP inicia na próxima semana a Oficina de Atualização do Cadastro Ambiental Rural, em sintonia com os sindicatos rurais. Serão treinados 200 representantes de sindicatos, que estarão aptos a informar com precisão os produtores em suas regiões.

O treinamento será realizado em Curitiba, de 19 a 21 deste mês e dias 26 e 29 deste mês. O objetivo desta oficina, coordenado pela engenheira agrônoma Carla Beck, especialista em Meio Ambiente do DTE/FAEP, é “uniformizar as informações do CAR e esclarecer todas as dúvidas dos produtores”.

Após essa capacitação dos representantes sindicais, eles terão novo treinamento, quando serão habilitados pelos instrutores do SENAR-PR, desta vez para atuar na elaboração do preenchimento do Programa do CAR. Este Programa que está disponível no site do Ministério do Meio Ambiente, estará disponível nos computadores dos sindicatos rurais e mesmo dos próprios produtores rurais. Os dados do preenchimento serão obtidos do Cadastro elaborado pelo produtor.

Gisele Bündchen cria galinhas

Você diria que não há novidade nenhuma em criar galinhas no quintal; talvez até faça você lembrar bons tempos atrás. Mas quando Gisele Bündchen revela que cria galinhas em sua mansão em Los Angeles, na Califórnia (EUA), a coisa muda de figura. É como aquela história de cachorro morder o homem, não dá notícia, mas homem morder o cachorro, vira manchete. A gaúcha de Horizontina (RS), com cinco irmãs, inclusive Patricia, irmã gêmea, tem 34 anos (20/07/1980), portanto leonina, e contou à revista americana Food & Wine, que “os animais são úteis para evitar o desperdício de alimento”. Não é lindo?

Ela informou que tem um belo jardim em Los Angeles onde cria galinhas. E acrescentou: “Nós desperdiçamos pouca coisa em casa, porque as galinhas comem os restos de vegetais e tudo que elas não comem eu coloco na minha pilha de compostagem junto com as fezes dos animais”. Perfeito.

Mas Gisele e seu marido, o jogador de futebol americano, Tom Brady, estão fechando negócio e vendendo a mansão por módicos US\$ 50 milhões (R\$ cerca de R\$ 111 milhões). Não se sabe se as galinhas ficarão nos belos jardins da propriedade.



Correção

A Coluna foi uma espécie de continuação do Levante do Forte de Copacabana, quando 17 militares e 1 civil se revoltaram. Esperaram a revolta de outras unidades militares que negaram fogo; o forte foi bombardeado e num enfrentamento com forças federais leais apenas o tenente Siqueira Campos e Eduardo Campos sobreviveram.

Nosso leitor Ivo Almeida, de Curitiba, faz uma correta observação sobre a matéria de história que abordou a Coluna Prestes (BI 1256). Por nosso equívoco, foi publicado que “Eduardo Campos” participou do Levante do Forte de Copacabana, quando o nome correto é Eduardo Gomes, que tornou-se marechal do ar da Força Aérea Brasileira (FAB).

Vetada a isenção de emplacamento

Para Dilma, o conceito de veículo destinado à agricultura “é muito amplo”



A presidente Dilma Rousseff vetou integralmente o Projeto de Lei que desobrigava o licenciamento anual de máquinas agrícolas, alterando o Código de Trânsito Brasileiro. De acordo com a justificativa, publicada no Diário Oficial do último dia 13, a medida contraria “o interesse público”.

Os ministérios da Justiça, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e das Cidades manifestaram-se pelo veto. “O conceito trazido pelo Projeto, que trata de ‘veículos automotores destinados a executar trabalhos agrícolas’ é muito amplo, o que impossibilita que se determine com clareza quais os veículos que seriam objeto da dispensa proposta”, justifica a presidente no despacho.

A proposta foi aprovada pelo Congresso em abril. A medida visava reduzir custos e procedimentos burocráticos, com objetivo de contribuir para o aumento da competitividade do agronegócio brasileiro.

“O governo federal reafirma não ter nenhum compromisso com o setor primário. Eles querem meter a mão no bolso do produtor rural, atuando como um sócio oculto sem nunca ter plantado nada”

criticou o autor do projeto, deputado Alceu Moreira (PMDB- RS).

Segundo o deputado, o preço médio do emplacamento para os veículos de uso rural é estimado entre R\$ 500 e R\$ 1 mil por máquina, no Rio Grande do Sul, o que pode aumentar de acordo com o valor do maquinário. Alceu Moreira também reiterou que 98% da vida útil das máquinas agrícolas é dentro das propriedades, ou seja, cobrar de colheitadeiras ou tratores o mesmo que para os carros de passeio é incompreensível.

O setor estima que as despesas com licenciamento, emplacamento, seguro obrigatório e a compra de outros itens de segurança, como cinto de segurança e extintores, correspondam a 3% do valor de cada máquina.

Em defesa da produção de tabaco

As reivindicações e preocupações de mais de três mil produtores de tabaco do sul do país foram ouvidas por representantes do governo federal na sexta-feira, 9, em audiências públicas, no interior do Rio Grande do Sul. A FAEP esteve representada por Mesaque Kecot Veres, presidente do Sindicato Rural de Irati.

Os encontros foram propostos pelo deputado federal Alceu Moreira (PMDB/RS) a fim de debater a posição do Brasil na 6ª Conferência das Partes, da Convenção Quadro para o Controle do Tabaco (COP 6), que ocorre em outubro, na Rússia, além das medidas da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) em relação ao setor.

Na região Sul, 640 municípios cultivam o tabaco, sendo esse segmento o principal responsável pelas economias locais. O setor gera no país R\$ 5,6 bilhões em receita para os produtores e R\$ 10,8 bilhões em impostos arrecadados. No ranking mundial de produção, o Brasil fica atrás apenas da China.

ASSIS CHATEAUBRIAND



Classificação grãos

O Centro de Treinamento Agropecuária de Assis Chateaubriand realizou, no período de 22 a 25 de abril, o curso de Trabalhador na Classificação de grãos - milho, soja, trigo e feijão. Participaram do curso 11 produtores e trabalhadores rurais com a instrutora Ivonete Teixeira Rasêra.

CAMPINA DA LAGOA



Mercado Futuro

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa, em parceria com a C-Vale, realizou nos dias 28 e 29 de abril, o curso Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris - Mercado Futuro. O curso contou com a presença de 11 produtores rurais e estudantes com o instrutor Vanderley de Oliveira.

SERTANÓPOLIS



Plantas medicinais

O Sindicato Rural de Sertanópolis em parceria com o Departamento de Assistência Social realizou no período 07 a 09 de abril o curso de Trabalhador no Cultivo de Plantas Medicinais e Aromáticas - plantas medicinais, aromáticas e condimentares. Participaram do curso 12 produtores rurais com o instrutor Mary Cobra Ferro.

GUARAPUAVA



Plante seu Futuro

No dia 07 de maio, o Sindicato Rural de Guarapuava promoveu mais um seminário da campanha Plante seu Futuro: Seminário Regional de Manejo e Conservação de Solos. O evento realizado no anfiteatro do sindicato foi promovido pelo Sistema FAEP, Associação de Engenheiros Agrônomos da Região de Guarapuava (Aeagro), Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento, com apoio do Sindicato Rural e Unicentro.

JANDAIA DO SUL



JAA

Atendendo à sua extensão de base, o Sindicato Rural de Jandaia do Sul levou ao município de Marumbi, o Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA). O curso foi desenvolvido em parceria com a Prefeitura. No dia 29 de abril os alunos visitaram o Bosque Municipal, em Campo Mourão junto com a turma do JAA de Mamborê. O instrutor das duas turmas é Geremias Cilião de Araújo Junior.

REALEZA



Manejo e ordenha

No período de 01 a 05 de abril foi realizado no Sindicato Rural de Realeza, o curso de Trabalhador na Bovinocultura de Leite - manejo e ordenha. Participaram do curso 10 produtores rurais que querem se qualificar para o curso de Inseminação Artificial na Bovinocultura de Leite. O instrutor foi Marcelo Zatta.

PALOTINA



Piscicultura

O Sindicato Rural de Palotina em parceria com o SERNAR-PR e a Associação Palotinese de Aquicultores (Apaqui) vem oferecendo treinamento para produtores ligados a piscicultura. Nos dias 24 e 25 de abril foi realizado o curso de Trabalhador na Piscicultura – sistemas de cultivo. Participaram do curso 15 produtores com o instrutor Nestor José Braun.

RIBEIRÃO DO PINHAL



Plantas medicinais

O Sindicato Rural de Ribeirão do Pinhal, em parceria com SENAR-PR realizou nos dias 07, 08 e 09 de maio o curso Trabalhador no Cultivo de Plantas Medicinais - plantas medicinais, aromáticas e condimentares. Participaram do curso 14 produtores e produtoras rurais com a instrutora Vivieny Nogueira Visbiski.

Uma simples foto



Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo email: imprensa@faep.com.br com seu nome e endereço.

Saiba que

- Na Finlândia, as pessoas devem saber ler e escrever se quiserem casar. Se a moda pega num país que conhecemos...
- Na cidade de Liverpool, Inglaterra, uma lei autoriza vendedoras ficarem de topless, mas somente em lojas de peixes tropicais.
- Caso você queira pegar um bronzado rápido, se encha de cenoura e sua pele fica mais escura, porque o caroteno mexe com a pigmentação. Para a pele voltar ao normal, pare de comer cenoura.
- A batata frita surgiu na França, no final do século 18. O rei Luis XVI criou o prato para um jantar em homenagem ao inventor Benjamim Franklin. Lembre disso e sinta-se um nobre comendo as fritas.



Acorda...

O despertador foi criado em 1787 pelo relojoeiro americano Levi Hutchins. O primeiro modelo tinha um inconveniente: o alarme tocava sempre na mesma hora (quatro da manhã, horário em que o inventor despertava) e não podia ser ajustado novamente.

Com muito respeito

Se há um profissional que merece todo nosso respeito, esse é o gari. O apelido desse profissional da limpeza vem de Pedro Aleixo Gary. Durante o Império, ele reunia, no Rio de Janeiro, funcionários para limpar as ruas após a passagem de cavalos. Os cariocas, que se acostumaram com esse trabalho, sempre mandavam chamar a “turma do gari”. Aos poucos e de tanto repetir, o apelido pegou, e ficou.



“Umbigo do mundo”

Pelas suas dimensões, a mina de diamante de Mirny, uma pequena cidade de 38 000 habitantes localizada na Sibéria oriental, na Rússia é chamada de “umbigo do mundo”. Numa região onde a temperatura média é de 40º centígrados negativos, a mina tem a forma de um cone aberto com um diâmetro de 1.250 metros e profundidade de 525 metros.

Bons tempos

O rock chegou no Brasil em 1955, quando Nora Ney gravou a versão de rock "Around The Clock". A primeira estrela nacional do gênero foi Celly Campelo, que lançou no início dos anos 60 "Banho de Lua" e "Estúpido Cupido". Na mesma época, o rock populariza-se com outras versões de sucessos norte americanos. Hoje em dia existem vários gêneros, como hard rock, pop, hip hop, surf music...

Papai

Durante a aula de matemática, o professor pergunta ao Joãozinho:

— Vamos imaginar que você tem um real no bolso e pede ao seu pai mais um real. Com quantos reais você fica?

— Um real!

— Você não sabe nada de matemática.

— E o senhor não sabe nada sobre o meu pai.

Made in Brasil



O Catupiry é uma criação brasileira. Ele foi criado por Mário e Isaíra Silvestrini, um casal de imigrantes italianos, em 1911, em Lambari, Minas Gerais. A palavra catupiry tem origem tupi-guarani e significa "excelente". Já o queijo coalho que é feito por meio da adição de coalho ou outras enzimas coagulantes ao leite e é típico do Nordeste, mas frequenta muito churrasqueiras sulistas.

Vrummmmm

Os bólidos Hennessey Venom GT e Bugatti Veyron disputam o recorde de carro mais veloz do mundo, O Venom GT atingiu a marca de 435,3 km/h superando o antigo recorde de 434,3 km/h do Bugatti Veyron. A briga continua. Um habitante de Quem Quem, cidade mineira, afirmou à imprensa local que não invejava a velocidade dos dois carrões, porque tem conseguido com seu Chevette 72, motor fumando, 73 km/h...na descida.



Tente

O mês de agosto deste ano terá 5 sextas-feiras, 5 sábados e 5 domingos. Isto acontece somente uma vez a cada 823 anos. Os chineses chamam isto de "Bolso cheio de dinheiro". Segundo o Feng Shui (forças positivas) dos chineses, a recomendação é que você informe (por email ou pessoalmente) essa novidade a seus amigos e dentro de 4 dias o dinheiro irá te surpreender. Se a grana não aparecer, a culpa é do Feng Shui.

Mistério

Uma das províncias peruanas que mais recebe turistas estrangeiros é Nazca, onde estão localizados as Linhas de Nazca. As misteriosas linhas são desenhos que, observadas do solo, parecem não formar nada. Só que, vistas do alto, a história é outra: as linhas formam desenhos variados, como de uma aranha, uma macaco e um beija-flor.



SORRIA!!!

O humor é uma demonstração clara de inteligência emocional e uma competência que se destaca nas relações profissionais. Os ingleses riem de diálogos entre o primeiro-ministro Winston Churchill (1874-1965) e Lady Nancy Astor (1879-1964), primeira mulher a ocupar uma cadeira no parlamento britânico. No mais célebre deles, Lady Astor diz:

“Se o senhor fosse meu marido, eu colocaria veneno em seu chá”. E Churchill responde: “Madame, se a senhora fosse minha mulher, eu beberia”. Mas teve o troco. Churchill pergunta com que personagem deveria ir a um baile à fantasia e Lady Astor sugere:

“Por que você não vai sóbrio, primeiro-ministro?”. São ótimos exemplos de pensamento ágil, agudo e bem-humorado.

O humor propicia o chamado alto-astral, facilita as relações, abre as portas e diminui as resistências. O desenvolvimento de um olhar crítico começa na infância.

O bom humor é antes de tudo um sinal de que a pessoa está balanceada, que seus sentimentos e opiniões estão equilibrados. A pessoa bem-humorada pensa com o cérebro e sente com o coração. O senso de humor tem de ser perseguido, requer uma abertura para olhar o mundo por vários ângulos, pede uma mente alerta e ativa e em geral se expressa por um gesto milenar e universal: o sorriso. Sorria!

Humor crítico

“A única pessoa que escuta os dois lados de uma discussão é o cara do apartamento vizinho.” **Ruth Brown**

“O capitalismo é a exploração do homem pelo homem. O socialismo é o contrário.” **Barão de Itararé**

“A diferença entre o remédio e o veneno é a dose.” **Anônimo**

“Que pena que os homens não podem trocar seus problemas. Todo mundo sabe exatamente como resolver os problemas dos outros.”

Olin Miller

“Se você pensa que é muito pequeno para fazer diferença, tente dormir em um quarto fechado com um mosquito.” **Provérbio Africano**

“Escrever é fácil. Você começa com maiúscula e termina com um ponto final. No meio, coloca ideias.” **Pablo Neruda**

“Um pai bem sucedido é aquele cujo filho ou filha é capaz de pagar sua própria terapia.” **Nora Ephron**

“Se você é capaz de sorrir quando tudo deu errado, é porque já descobriu em quem pôr a culpa.” **Thomas Jones**

“A preguiça é a mãe do progresso. Se o homem não tivesse preguiça de caminhar, não teria inventado a roda.” **Mário Quintana**

“Guardar ressentimento é como tomar veneno e esperar que a outra pessoa morra.” **Malachy Mccourt**

“Todas as tragédias terminam com a morte. Todas as comédias terminam com o casamento.” **Lord Byron**

“O voto poderia ser facultativo e as promessas, obrigatórias.”
Ex-deputada Sandra Cavalcanti



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável _____

SISTEMA FAEP



A versão digital deste informativo está disponível no site:

sistemafaep.org.br